

“SOBRE FIÉIS”:  
Assembléia de Deus em Chapecó

*Josiane Roza de Oliveira\**

*Em nosso ritmo de vida terrena nos cansamos da luz.  
Ficamos felizes quando o dia finda, quando a brincadeira acaba;  
E o êxtase (do dia) é muita dor.  
Somos crianças de cansaço fácil; e o dia é longo demais para trabalho ou  
brincadeira.  
Nos cansamos da distração ou da concentração, dormimos e somos felizes no  
dormir,  
Controlados pelo ritmo do sangue e do dia, da noite e das estações.  
Devemos apagar a vela, desligar a luz e reascendê-la.  
Sempre extinguir, sempre reascender a chama.  
Assim, Te agradecemos por nossa pequena luz, mesclada com a sombra.  
Te agradecemos pois nos compelas a construir, a encontrar, a criar,  
Pelas extremidades dos nossos dedos e pelos raios dos nossos olhos.  
E depois de termos construído um altar para a Luz Invisível,  
Podemos colocar sobre as pequenas luzes para as quais nossa vista mortal é  
feita.  
(T.S. Eliot)*

*O novo é para nós, contraditoriamente, liberdade e submissão.  
(Ferreira Gullar)*

---

\* Mestra em História pela PUC-SP, coordenadora e historiógrafa do Ceom.

## *1. Considerações iniciais*

O artigo é parte da dissertação de Mestrado, intitulada "Nos meandros da cidade: testemunhas e memórias atravessados pela vivência religiosa - Assembléia de Deus em Chapecó" apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP. O objetivo da pesquisa foi transcorrer sobre trajetórias da paisagem sonora, visível e sensível engendradas em Chapecó, no Oeste do Estado de Santa Catarina, a partir de memórias tonalizadas pela experiência religiosa de alguns dos primeiros fiéis da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, que se inseriu no município em 1951.

A problemática da pesquisa começou a ser gerada a partir de um exercício comum de caminhar pela cidade onde moro, quando fui tomada por certo encantamento e constrangimento ao me deparar com o movimento de famílias inteiras: homens, mulheres, crianças indo em direção à Igreja Evangélica Assembléia de Deus, situada em uma das principais avenidas do município. Nesse encontro, que muitas vezes passou despercebido, algo se sobressaiu dentre a "normalidade" do percurso e, em poucos segundos, meu olhar esfumou-se e as faces homogêneas dos andantes das calçadas se perderam ganhando contorno e relevo àquela mobilização de corpos, num ritmo frenético, como quem quer passar sem ser afetado pelo mundo de pecados fora da Igreja e do lar.

Havia sido tocada por um mundo bem diferente do meu. Mesmo sabendo que conviviam em uma mes-

ma cidade que pareceu-me, naquele instante, um receptáculo onde dançam o que se parece e o que não se parece. Encontram-se elementos que não se comunicam e transeuntes são, antes de tudo, figurantes diante de meu olhar embaraçado e apressado. Certeau (1994) nos fala desta cidade vista de sobrevôo, "instaurada" num espaço que recebe inscrições – um espaço próprio, racionalizado, que estabelece ordens e pune seus desvios, tentando a todo custo impor um sistema sincrônico de uma vivência urbana, quase que institucionalizada, criando "sujeitos anônimos" que se perdem dentro de um espaço construído para ser um não-espaço, por isso sem sujeitos. Esta é a cidade vista do alto, onírica, panóptica, que enclausura os sentidos em um nome, um conceito e não pode ser conhecida. É em meio dela que nos perdemos e deixamos de perceber a sua diversidade constitutiva e, portanto, suas possibilidades.

O encantamento desse encontro com o diferente, o seu reconhecimento enquanto tal, moveram-me em direção ao templo daquela Igreja, com a pretensão nada humilde de desvendar seus "mistérios". As questões que envolviam aquela movimentação de corpos acabaram remetendo-me à problemática de pesquisa que teve o preâmbulo a partir dessa afetação visual.

Diante do primeiro contato, provocado pelo enquadramento de um detalhe tomado na "normalidade" das movimentações da cidade, procurei visualizar e traçar trilhas que possibilitassem compreender as trajetórias que tornaram possíveis tais "normalidades" que aplainam as experiências vividas nesse lugar. Em

meio a que perscrutaria tais trajetórias, já estava definido: seria a partir de relatos de experiências de vida atravessadas pela tonalidade religiosa de alguns dos primeiros convertidos à Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Chapecó. Não queria tratar da história da cidade, nem da instituição religiosa, nem apenas das histórias de vida daqueles fiéis, mas sim compreender essas experiências nas inter-relações sociais, nas imbricações, nos nós, nas trajetórias constitutivas da paisagem, da experiência e da narrativa.

A idéia de imagem, de visualização, sempre esteve muito presente no desenvolvimento da pesquisa, por isso tentei recuperar a dimensão da paisagem<sup>1</sup> para, nesse emaranhando visual, fazer sobressair as experiências historicamente constituídas num ambiente que não é neutro. Para pensar essa perspectiva, Merleau-Ponty foi fundamental, pois ele chama a atenção para as redes de afecções. Pela percepção, segundo o autor, se sente a luz e a obscuridade, o visível, e o invisível, sendo que a história não está apenas no reino da necessidade, ela está também na imponderabilidade (invisibilidade). O visível é o visível e o invisível na relação e ao mesmo tempo. Essa reflexão dá sustentação à idéia de que a percepção é feita de profundidade e perspectiva (PONTY, 1984).

A pesquisa norteada pela utilização da história oral está atravessada pelas memórias desses fiéis, dando visibilidade a histórias marginais que aconteceram, acontecem e são interpretadas por esses sujeitos no tempo presente. As recordações impregnadas de diferen-



tes temporalidades trazem experiências que foram e são intensamente (re) vividas e (re) inventadas deixando rastros tanto num espaço visível do município quanto na dimensão sensível desses moradores e seus corpos.

O desafio à construção de uma interpretação histórica foi justamente partir de pontos aparentemente isolados de todas as transformações da cidade - as vivências e as memórias de alguns dos primeiros fiéis da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, perpassada pela religiosidade, bem como a inserção dessa Igreja no município - e problematizar suas presenças na mesma paisagem que se desenrola, dando visibilidade às experiências de sujeitos historicamente situados. Mas também se tornou um problema trazer à compreensão dimensões do "invisível" dessas experiências históricas, tanto a partir da evocação de uma cidade e suas presenças como marca nesse ambiente como diante da aura de sensibilidade com a qual a experiência religiosa se faz no cotidiano dos fiéis.

Os relatos têm dois pontos básicos de referência: suas histórias de vida, enquanto narração/interpretação do vivido a partir da filiação religiosa e, portanto, de um imaginário compartilhado, e o entrelaçamento desse imaginário com as suas idiossincrasias individuais. Ao extrair e recolocar esses relatos em meio à cidade, é possível perceber como a inserção da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no município vai deixando marcas na cidade e nos moradores que a ela aderem, mas que simultaneamente vai recebendo inscrições dos mesmos. Isso possibilita colocar em evidência os saltos

e sobressaltos dos relatos enquanto experiência vivida e transmitida e as rugosidades da paisagem permeada por manifestações sutis e grotescas de uma época.

O ato de contar dos fiéis sobre suas vidas, e em especial, sobre suas experiências com a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, por vezes ganha força de testemunho, que é "mais" que o narrar. Agrega-se à narrativa outras intencionalidades e como quem quer transmitir experiências que perdurem, o contar ganha em densidade. A partir e por meio das narrativas se pôde penetrar nos meandros da cidade e desnaturalizá-la, percebendo que suas inscrições atuais receberam/recebem diferentes e divergentes tonalidades durante seu percurso histórico. A perspectiva de visualização e compreensão da cidade onde se constroem as relações sociais ou o exercício inverso: a compreensão e a visualização das relações sociais e experiências individuais que se constituem na cidade foi bem formulada por Déa Fenelon, quando diz:

*[...] se compreendermos a cidade como o lugar onde as transformações instituem-se ao longo do tempo histórico, com características marcantes, queremos lidar com estas problemáticas como a história de constantes diálogos entre vários segmentos sociais, para fazer surgir das múltiplas contradições estabelecidas no urbano, tanto o cotidiano, a experiência social, como na luta cultural para configurar valores, hábitos, atitudes, comportamentos e crenças (FENELON, 1999, p. 7).*

O viés religioso que direciona a fala dos entrevistados e, portanto, a pesquisa, faz percorrer por caminhos ainda não traçados no município de Chapecó. As memórias que delinearão o espaço da cidade e que

propiciaram constituir relações com outras movimentações do ambiente, são também reconstruídas a todo instante, pois a experiência nunca cessa de acontecer. Elas possibilitaram uma paisagem impregnada de significações que por vezes não eram “visíveis” em suas falas, mas que, por outro lado, eram evocadoras de outras temporalidades e vivências que não as suas, muitas das quais foram encontradas em outras fontes de pesquisa.

Tanto a cidade como os corpos dos fiéis são espaços de inscrições de múltiplas memórias e experiências. Se nesta pesquisa o enfoque privilegia o religioso, não se pode negar que os sujeitos e as cidades são plurais. Como nos diz Maria da Conceição de Almeida:

*[...] por mais complexo, aberto e criativo que seja o dispositivo cultural que sintetiza a condição humana, por mais astucioso que seja o sujeito na tentativa de desempenhar personagens diferentes a cada atividade de sua vida; por mais simulados que suponha ser ao desempenhar aqui, o papel de democrático; ali o de tirano; mais além o de generoso; e lá de mesquinho; na casa, o de chefe; na rua, o de amigo solidário; de dia, o ser do trabalho; e da razão; de noite, o artista feliz, o sujeito cindido está definitivamente fadado a operar simultaneamente, na vida e nas idéias, o estilo dual de experimentação sociocognitiva (ALMEIDA, 1998).*

Portanto, a idéia de subjetividade passou a ser primordial para este estudo, na medida em que a conversão a uma Igreja diferenciada acaba tendo a opção do indivíduo como ação fundamental de desvio da sua situação de destino. No entanto, a concepção de indivíduo aqui é bem fluida, por levar em conta as ponderações de Guattari (Apud ROLNIK, 1996, p. 38): “[...] não

existe unidade evidente da pessoa: o indivíduo, o ego, ou, poderíamos dizer, a política do ego, a política da individuação da subjetividade é correlativa de sistemas de identificação modelizantes”, ou seja, trata-se do indivíduo subjetivado,

*[...] a subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material [...] ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares.*

No decorrer da pesquisa é possível perceber que as experiências relatadas são vividas e transmitidas de diferentes formas, de acordo com um movimento processual do indivíduo em suas relações.

Nesse sentido, não se trata de trabalhar essa experiência dos sujeitos a partir de uma perspectiva psicológica, psíquica, mas sim a partir das implicações que um novo elemento pode provocar na configuração de uma cidade e na vida de alguns de seus habitantes. Na medida em que essa religiosidade é vivida socialmente, com concretizações que vão além das realizações espirituais, os dualismos entre imaginário e real se esvaem na vivência.

A inserção da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Chapecó, a exemplo de outras partes do país, se deu através de uma investida missionária no ano de 1951. Momento em que Chapecó iniciava uma série de transformações na sua configuração social. O missionário se depara com um município fortemente marcado pela presença da Igreja Católica romanizada, mas também por um catolicismo não institucionalizado.

Assim, sem perder de vista a dimensão da paisagem, com o desenvolvimento da pesquisa pode-se perceber algumas sutilezas remetidas à presença dessa Igreja no município de Chapecó, a exemplo dos novos sons que passam a ecoar e permear o ambiente da cidade em meio a um imaginário étnico e religioso segregador. Uma linguagem diferenciada vai ganhando contornos nas falas dos convertidos, trazendo também uma nova forma de expressão à cidade. Outra prática lingüística se constrói e se apresenta na história contada bem como na narrativa, na forma de contar, nas duas ao mesmo tempo. A forma de narrar não é só importante em si mesma, mas como prática lingüística ela tem a capacidade de se multiplicar, de transmitir, de comunicar, de se alongar no tempo. O ato de falar fica carregado do sentido mesmo de ressoar, ecoar, de permanecer, mesmo que muitas vezes em suspenso, mas também de forma prática, num espaço delimitado. São esses ecos que procurei evidenciar no decorrer do trabalho, ecos que pairam e pousam, sobrevoam e se instalam no ambiente da cidade. Ecos que se entremeiam a outras movimentações religiosas que percorriam Chapecó antes da inserção da Assembléia de Deus.

A configuração do município, a partir da inserção de uma Igreja que expressava religiosidade diferenciada das práticas conhecidas no lugar, começa a sofrer modificações significativas e distintivas. Mesmo ocupando um mesmo espaço na iminente área urbana da cidade, essa religiosidade encontra acolhimento junto a uma parcela da população, que desenvolvia suas práticas culturais nas margens de um poder hegemônico

constituído em sua maioria por “colonos” ítalo-brasileiros e pela Igreja Católica representativa da confessionalidade religiosa desse grupo. A ligação de uma população “negra e pobre”<sup>2</sup>, ou seja, os “brasileiros”<sup>3</sup> do município com a Assembléia de Deus ganha destaque no período de inserção da Igreja em Chapecó. Característica que encontra referência nacional e mereceu ser abordada a partir de uma perspectiva de diferenciação cultural. Essa característica foi ressaltada na pesquisa justamente pelo que os depoimentos trouxeram, ainda que de forma marginal, e ganhou sustentação pela configuração étnica regional. Esses indícios possibilitaram adentrar numa história conflituosa que põe em evidência a especificidade da constituição da cidade e da constituição das Igrejas: católica e evangélico-pentecostal, em que os relatos apresentam embates étnico-culturais intimamente ligados à historicidade do município.

Em outra abordagem pode-se evidenciar como a Assembléia de Deus e seus fiéis vão deixando marcas nos espaços da cidade a partir da apropriação e construção de templos e dos lugares de culto: casas alugadas, casas de congregados, garagens, porões. A Assembléia de Deus vai minando os espaços e se apropriando de muitas edificações que possuíam sentidos anteriores a sua ocupação, numa ressignificação de espaços que bem se comunicam com os ambientes. Pôde-se problematizar, a partir da rememoração dos entrevistados, suas relações com o vestuário e condutas como alongamento do corpo biológico, através de um simbo-

lismo reconhecido nos espaços da cidade, gerando um corpo social ampliado e de certa forma harmonioso ao juntar-se com seus pares, mas que em meio a diferentes tornam-se pontos dissonantes numa "normalidade" que é outra.

Valendo-me de uma aproximação mais "íntima" dos relatos dos fiéis entrevistados, tentando perscrutar as narrativas numa perspectiva sensível, ganha visibilidade a experiência religiosa desses fiéis vivida no cotidiano como imaginação e realidade ao mesmo tempo. Abordando como os primeiros convertidos, a partir do "testemunho" de suas condutas, constroem um imaginário em torno do "ser crente no mundo" que se comunica e abre/fecha espaços na cidade. O que proporciona articulações com a receptividade dos empresários e comerciantes locais para com os trabalhadores "crentes", diante da construção de um imaginário em torno de certa ética de honestidade e retidão assumida pelos fiéis da Assembléia de Deus. Essa postura, por outro lado, gera um distanciamento baseado na diferenciação entre "os crentes" e "os outros".

Essa perspectiva sensível possibilitou ainda, trazer à tona algumas das tensões vivenciadas e narradas pelos entrevistados entre as idiosincrasias e o imaginário compartilhado, dando desta forma visibilidade às histórias contadas pelos entrevistados que constroem suas tramas de memória para manter e/ou (re)inventar lembranças e sentimentos.

Embora tenha tentado dar um panorama geral da pesquisa realizada, a opção do artigo está justamente

na abordagem desse último aspecto, ou seja, valendo-me das narrativas procuro captar tanto algumas possíveis aberturas de horizonte que a experiência religiosa permite aos conversos, quanto alguns possíveis enquadramentos por ela provocados. Essa opção revela a intenção de problematizar a visão pacífica, de senso comum que favorece o enquadramento rápido dos fiéis evangélicos a categorias pré-estabelecidas.

## *2. Entre a abertura e o fecho*

Emoção!!! A intensidade dizível do recebimento do Batismo com o Espírito Santo<sup>4</sup> parece ser sempre inferior a uma intensidade experimentada. A dimensão da Igreja Evangélica Assembléia de Deus compõe um quadro de grande significação aos fiéis, tão importante quanto a conversão e é visto por boa parte deles como um presente, um reconhecimento de que realmente estão em sintonia e em conformidade com a palavra de Deus. Um momento descrito como aproximação máxima junto a um ser de outra natureza. É como um "gostinho" do que pode lhes esperar caso permaneçam buscando a Salvação. Para além das visões, sonhos, vozes, curas, esse é o momento de sentir. As sensações estão num nível de interioridade e profundidade que deixam marcas indeléveis na memória dos que receberam o batismo. No entanto não tem nada de espontâneo. Para recebê-lo é preciso buscar e ainda assim a resposta pode vir com vagar, provocando frustrações e muitas vezes desânimo aos que insistem e não recebem retorno.



Quando perguntei ao Seu Ivo como foi esse acontecimento, não titubeou para expressar um sentimento caracterizado como inefável, compartilhado pela "comunidade" evangélico-pentecostal.

*Ah! a emoção foi, é inexplicável. Porque se tu falar com cem pessoas ninguém te explica igual e não tem, assim vocabulário na altura pra explicar, porque é, a emoção é tão grande que é inexplicável. Aqui na terra, os prazeres, vamos dizer, desta vida, que a vida oferece não dá pra comparar, não tem nada que compare. Porque é um gozo celestial, é uma coisa nova, diferente. A experiência é profunda, é muito grande. Dá a impressão que a gente está fora deste planeta, uma coisa tremenda. Especialmente assim, os primeiros tempos, vamos dizer assim, no caso dos seis meses, oito meses, isto parece que, até a gente se acostumar com aquele ambiente do espírito é completamente nova a vida, tudo é novo.*

Não encontrar palavras para descrever o evento parece ser mais que algo inerente à experiência. A expressão parece estar voltada para a necessidade religiosa de manter uma aura de inapreensão, dando possibilidade e vazão à ação imaginária. Manter algo para além do enclausuramento de palavras, conferindo dessa forma uma dimensão provocativa e misteriosa, em que o conhecimento dessa experiência só é possível por ela mesma, num caráter de individualização compósita entre Deus e o homem.

Nos depoimentos dos primeiros fiéis da Assembléia de Deus de Chapecó, chamo a atenção para certa diferenciação de enfoque diante de algumas pesquisas em torno do pentecostalismo. Normalmente, essa experiência aparece como sendo um momento de libertação dos pecados e vícios e como abertura para a ação de Jesus Cristo na vida da pessoa. Esses componentes

não deixam de estar presentes nos relatos, mas quero evidenciar o conhecimento momentâneo de uma alegria desejada, que estabelece certa tonalidade prospectiva para a vida do fiel. Conhecimento e alegria que acreditam ser assegurados somente para os "salvos". Nas entranhas de um mundo de dificuldades é gerada certa abertura que fundamenta a vontade de perseguir esse instante, num prolongamento da rede imaginária de referência, onde o sentido presente faz pensar numa conjunção de possibilidades ausentes, colocando-as num horizonte de expectativas<sup>5</sup>. Bachelard nos dá uma pista desta movimentação quando diz que a imaginação é a "própria experiência da 'abertura', a própria experiência da 'novidade'" (BACHELARD, 1990).

Nessa perspectiva, podemos entender melhor a necessidade de evocar a experiência do batismo com o Espírito Santo como algo pouco definível. Qualquer tentativa de apreensão em uma forma diminuiria a característica de abertura provocada pelo imaginário. Ainda Bachelard nos ajuda a pensar a questão

*[...] uma imagem que abandona seu princípio imaginário e se fixa numa forma definitiva assume pouco a pouco as características da percepção presente. Em vez de fazer-nos sonhar e falar, ela não tarda a fazer-nos agir. Noutras palavras, uma imagem estável e acabada corta asas à imaginação (BACHELARD, 1990).*

Essa abertura, entretanto, não pode ser considerada caótica, pois tem mecanismos e forças articuladoras de vontades.

Imagens e sentimentos novos parecem ser experimentados nesse momento, dando maior vitalidade ao vivido ao lançar expectativas à eternidade, ao “gozo” e ao “prazer”, ainda não experimentados aqui na Terra, numa ação transcendente. A busca de Deus é também a busca pelo prazer absoluto, não mais efêmero. Diferentemente daquele oferecido pelo engenho capitalístico – passageiro e insaciável. A busca por felicidade é como uma vontade primeira e não apenas consequência de bons comportamentos. Portanto, há que se ficar atento ao que inspira, ao que compele essa tendência religiosa, bem como nos diferentes agenciamentos da mesma inspiração.

A religiosidade preserva bem seu lado lúdico. Cada qual pode fazer o seu arranjo a partir de referenciais compartilhados. Essa perspectiva continua atraindo pessoas e se plasmando à “realidade”. A própria vivência, como podemos perceber na fala de Seu Ivo, fornece instrumentos para a construção e/ou apropriação do que se deseja,

*Ah, isso em tudo, porque antes de eu me converter, porque você sabe que a palavra converter é mudar de uma coisa pra outra né. Então, houve uma mudança muito grande. Eu era assim, tinha um gênio muito brabo, coisa que é natural da gente né e aquilo eu não consegui vencer. Às vezes com a própria família, com a esposa, com os filhos, qualquer coisa eu já respondia duro né. Mas era assim por causa daquela natureza sem Deus na vida, e depois mudou tudo aquilo, veio a paz, calma. As orações contribuem pra isso. Foi uma mudança profunda na vida.*

A conversão, conforme o depoimento, é um ir ao encontro de outra “natureza”, pois a sua parecia ina-

dequada a ele e sua família. No caso de Seu Ivo, o reconhecimento da necessidade de mudança foi a culminância da ação de repensar suas práticas sociais e a relação consigo mesmo. Produzindo um olhar mais atento sobre as ressonâncias que a "brabeza ontológica" impingia à família e aos filhos. O homem sem Deus no seu entendimento é a própria natureza incontrolável e sem sentido. Fabricar teias de atribuições significativas para a vida é um exercício comum aos homens, explicitadas principalmente na constituição de modos de vida, de parâmetros de bom senso que possibilitem nortear a vivência. Ainda que com grandes atribulações, mas com um corpus referencial que dá sustentação às práticas sociais daqueles que acreditam.

O depoimento sobre a conversão possui uma regularidade comum a outros depoimentos sobre conversão. A descrição de um estado caracterizado como negativo, o encontro com Deus e o resultado de paz e harmonia. Entretanto, penetrando um pouco mais na fala podemos evocar outros sentidos que atravessam o processo convertivo, como por exemplo um acerto de contas consigo mesmo, diante de suas relações históricas presentes e prementes. E o contato com nova rede de relações que contribui para a composição de outra subjetividade no mesmo corpo<sup>6</sup>.

O Batismo com o Espírito Santo não acontece todos os dias na vida do fiel. Foi caracterizado pelos entrevistados como um evento singular, ainda que ao Espírito Santo continuem sendo atribuídas diferentes manifestações. Algumas mais expressivas como a

glossolalia<sup>7</sup>, as visões, sonhos, profecias, curas, outras mais sutis como a resistência às tentações, ou na indicação de um caminho mais acertado. Nessas últimas, se exige que o fiel esteja atento, com os sentidos aguçados e o corpo aberto para recebê-las; desta forma há mudança na percepção dos sentidos também.

O fator destacado é ação exterior, vem de fora e age sobre a pessoa. Num aspecto mais restrito é a noção da influência do poder exterior agindo diretamente na criatura individualizada. Mesmo que esse poder receba o nome de Deus, é ilustrativo da força do imaginário, como forma de penetração contundente. Só penetra porque afeta. Sente-se ser tomado por inteiro. Parece haver alguns momentos fundamentais de afecção para o converso. Destaco aqui os que me chegaram de maneira mais forte: a aproximação junto à Igreja, a conversão unida às modificações práticas em seu estilo de vida, a experiência com o Batismo do Espírito Santo, a identificação de rituais compartilhados e a presentificação de curas. Esses momentos, pode-se dizer, são como agentes responsáveis pela permanência de uma aura envolta ao "ser crente". Uma aura que possibilita a referência e a diferenciação, bem como permite o transitar entre o instante (que ressoa) e a (na) duração, ou seja, são elos de ligação entre o transcendente místico e a realidade cósmica, que ajudam a sustentar a filiação religiosa e as atitudes de se "estar sendo crente" no mundo. Se não se pode explicar, pode-se ao menos dizer que sentiu, já se forjou, está inscrito, é memória e ainda possui sentido.

Para Seu Dorvalino o recebimento do batismo com o Espírito Santo foi mais difícil do que para os demais entrevistados, justamente pela dificuldade de se libertar dos vícios como a bebida, cigarro e o jogo de futebol. Somente após treze meses de conversão, mais distante desses “pecados”, é que obteve o encontro com Deus,

*Foi muito glorioso. Nunca vi na vida. Você sente uma coisa que você tá vendo Deus e conversando com Deus. Eu estava orando assim, de olho fechado, e vi quando desceu um clarão de luz como se fosse uma luz assim, além da nossa luz natural. Fogo né. E aquele fogo veio por cima de mim, e penetrou para dentro de mim, eu então, fiquei tão alegre, alegre. E eu não era acostumado com aquele poder, que eu aquela noite senti demais né. Bastante. Tanto que a roupa eu podia pegá e torcê. É calor mesmo e fogo que vem. Ali uma experiência grande que eu tive com Deus.*

*Eu pensava assim né, Deus lá no céu e eu aqui na terra, ele não ia vê o que eu fazia, mas daquele dia em diante eu fiquei consciente que, assim, Deus mandou o que não é da terra, aquela promessa do céu. Então, eu fiquei crendo mais, e que Deus vê tudo. Na realidade Deus vê tudo mesmo. Ele sabe, sabe o nosso pensamento, sabe o que nós falamos, o que nós pensamos e o que nós praticamos também ele sabe.*

Durante boa parte dos treze meses Seu Dorvalino tentou driblar os olhos vigilantes do Criador cedendo às tentações, certo de que Ele não poderia observar a todos e a tudo estando lá no céu. Entretanto, rendeu-se às orientações pastorais, aos escritos bíblicos, e a dita experiência de recebimento do Batismo com o Espírito Santo terminou por arrebatá-las suas dúvidas, dando-lhe a certeza de dentre os “dois caminhos”<sup>8</sup> ter encontrado aquele agradável a Deus e a ele.

*[...] Entrei no caminho e pedi para Deus que não fosse voltar atrás, que continuasse, porque não é fácil. É fácil para quem tá. Eu pensava que religião do jeito como era ontem era igual, mas não é. Por exemplo: hoje alguém chega pra mim e diz: 'eu te dô uma importância de dinheiro muito grande, dois, três carro novo pra você dexá de ser crente e seguir outro caminho'. Não vô aceitá, porque não adianta, a gente tem a vida nas mãos de Deus. Hoje a gente tá vivo, amanhã não sabe como é que tá. Tudo está na mão de Deus e não adianta a gente trocá uma coisa certa por uma duvidosa que já tá ali negociando.*

A emoção que impregna o corpo do fiel de sensações como alegria, liberdade e certeza é a mesma que o torna dependente e vulnerável, tentando enclausurar seus sentidos numa só direção: "tudo está nas mãos de Deus". Ao mesmo tempo que se enriquece a realidade vivida penetrando num mundo transcendente e aberto a inúmeras possibilidades, persiste a tendência de enquadrar a vivência nesse mundo abstrato e viver em função desse imaginário. Ainda assim um equilíbrio melhor pode ser observado quanto ao tratamento dado à vida na terra, pois viver aqui não tem só sentido de transitoriedade para os crentes. Significa principalmente espaço e tempo em que devem tornar-se merecedores da eternidade, o que traz sérias exigências aos fiéis, sendo estes demasiadamente humanos. Talvez seja o reconhecimento primeiro dessa terrível humanidade, diante da moralidade cristã que mais os faça querer escapar a ela. O crente tem que estar sempre sendo merecedor. Atento ao presente contínuo do verbo ser. Do contrário, dificilmente poderá acreditar na salvação<sup>9</sup>.

No depoimento de seu Dorvalino é possível perceber não só uma narrativa comum às experiências re-

ligiosas, mas também o fator processual tanto da fala quanto de sua conversão. Ora, todo o processo convertivo envolve uma série de fatores, certos ajustamentos, conciliações e mudanças, para então ser possível uma experiência maior que não é gratuita. É uma movimentação complexa e seu Dorvalino faz questão de expressar a realidade que viveu, e de que não é tão simples quanto se pode imaginar. Foi necessário desprender-se de muitos hábitos para se colocar à presença de Deus. A sensação de ter encontrado o que procurava o mantém ainda hoje na Igreja e o fato de ter conseguido passar pelo momento mais difícil - o de vencer os vícios - lhe deu a sensação de estar mais forte para encarar as futuras provações com maior facilidade: "é fácil para quem tá", para que trocar "uma coisa certa por uma duvidosa que já tá ali negociando"?

Dona Isaura, outra entrevistada, narra ter tido dificuldade em receber o Espírito Santo, por ser "muito duvidosa",

*Dona Isaura: Eu demorei, porque eu era muito duvidosa, então as coisas não é assim. É conforme a humildade, eu acho que seja assim. Conforme a humildade da pessoa, o desligamento daqui pra ter a comunhão com Deus também. E eu era bastante preocupada com as coisas.*

*Josiaue: E como foi receber o Espírito Santo?*

*Dona Isaura: [...] nós fomos fazer uma viagem para Florianópolis, e lá teve um estudo e foi lá, mas foi muito bonito, foi muito bonito, porque a pessoa duvidosa Deus trabalha muito né. Então eu estava orando e vi quando desceu, assim, do céu a escada e os anjos que desciam, aí mais nada, foi muito bonito. Porque a dúvida da pessoa que impede [...].*

Dona Isaura já havia resistido à conversão por ter herdado da família uma forte vivência católica. Seu



marido converteu-se primeiro à Assembléia de Deus e a partir das transformações visíveis em seu cotidiano ela resolveu, com certa resistência, conhecer a Igreja, uma aproximação lenta até poder realmente acreditar e receber o Batismo tão propagado.

A humildade destacada pela entrevistada é normalmente confundida com humanidade, com a auto-identificação de seres inferiores a Deus e que precisam se reconhecer enquanto tais, engendrados num relacionamento desigual. A humildade diante do transcendente tenta ser trazida para os relacionamentos cotidianos. Momento em que os fiéis necessitam de ponderação ao exteriorizar a sua condição de salvo. Como propagar essa condição sem ressaltar a vaidade, sem se considerar melhor que o outro? É uma dificuldade sutil com a qual precisam lidar no dia-a-dia. Muitas vezes, nesses momentos, as tensões aparecem, pois há uma forte porção de intolerância que se manifesta na avaliação do outro, visto como fraco, pecador, endemoniado, desviado, perdido, adormecido e ao mesmo tempo se tem presente a palavra bíblica que alerta: "Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado" (Mateus, 23:12).

As principais dimensões afetadas e por certo as mais significativas aos depoentes, são as privadas. Modificações que ficam encravadas à memória por serem vivenciadas, talvez de forma mais consciente e emergencial do que aquelas que possuem uma dimensão pública (na relação com o Estado, por exemplo). O mundo privado é o grande motivador da conversão.

Contudo, a visibilidade do processo convertivo é pública. É na e por essa escala microcós mica que os entrevistados articulam os sentidos sociais. Em torno do mundo se constroem as lembranças, as mudanças, os esquecimentos, as permanências, como podemos observar no relato de Dona Isaura:

*Mudou, mudou muito. Eu fumava, a gente era [...] inclusive mudou tudo né, desde a convivência dentro de casa, ele bebia né, e a vida da gente era ruim, e daí mudou tudo porque a gente ia junto pra igreja, não se ia mais em outros lugares, e a gente se reunia com os crentes, uma semana na casa de um, uma na casa de outro. Então, mudou bastante, claro né, a vida da gente mudou.*

A dimensão pública<sup>10</sup> dessas conversões é muito mais sutil e menos importante aos entrevistados, uma vez que é ressaltado o bem-estar e o bem viver cotidiano pós-conversão, na tentativa de estabelecer um equilíbrio entre as agruras terrenas e a perspectiva celestial. Nesse sentido, a exigência de um compromisso político partidário dos fiéis com a sociedade torna-se pouco profícua, feita num terreno onde pouco se avalia o nível de influência estrutural na vida cotidiana. O que aliás acontece com boa parte da população brasileira, onde a crítica social é feita muito mais a partir das artimanhas cotidianas para se viver melhor do que na luta por uma grande modificação social que traria condições de vida mais agradáveis e genéricas aos brasileiros. Não se trata apenas de centrarem seus anseios na vida eterna e no paraíso. É preciso levar em consideração a dificuldade de penetração de um pensamento voltado a preocupações político-institucionais coletivas

no mundo privado. Aos poucos vai se instituindo um distanciamento difícil de transpor. Não é por acaso que a maioria da população não lembra em qual deputado votou na última eleição, ou o nome do penúltimo presidente. Por certo, em períodos eleitorais essa dimensão penetra com maior facilidade na discussão sobre candidato A ou B, mas dificilmente adentram aos projetos de tais candidatos ou suas filiações partidárias. Em poucas exceções, de forma mais forte, aparecem os “evangélicos” que têm verdadeira “síndrome” (PIERUCCI & MARIANO, 1996, p. 205) do “comunismo” e vêm com restrição os candidatos de “esquerda”, além de terem presente uma vinculação entre esquerda e catolicismo (CORTEN, 1996).

No entanto, a partir das entrevistas se observa o viés marginal da política institucional no dia-a-dia dos conversos. Acusados de serem manipulados pela Igreja/Instituição a votarem em candidatos escolhidos com os quais as igrejas, geralmente, mantêm *lobbies*. Essa acusação só em parte é verdadeira, fato já verificado por Paul Freston – em pesquisa na grande São Paulo constatou que apenas 31% dos pentecostais, em certa eleição, haviam votado num candidato evangélico (FRESTON, 1993). Ainda que as orientações institucionais sejam contundentes, sempre aparecem os desvios e as opiniões divergentes.

A orientação da Assembléia de Deus nas últimas eleições presidenciais foi clara: Collor e Fernando Henrique - sempre tendo como justificativa a recusa a Luiz Ignácio Lula da Silva, ao que pode representar à

população evangélica; nem mesmo essa denominação tendo uma senadora do Partido dos Trabalhadores-PT (Benedita da Silva) amenizou a situação para os pastores em Chapecó. Por outro lado, na última eleição municipal a Assembléia de Deus apoiou a candidatura da coligação PT, PC do B, PSB, tendo o candidato do Partido dos Trabalhadores na "cabeça" de chave. Se os fiéis seguiram, as ainda que ponderadas orientações da Igreja, só saberíamos com uma pesquisa específica.

Muitas vezes o fato de o fiel seguir a orientação da Igreja nas eleições se deve aos argumentos "oficiais" sobre a necessidade de representação junto à Assembléia Legislativa garantindo a liberdade religiosa e as questões morais na constituinte (que giram em torno das discussões sobre a legalização do aborto, das drogas, do casamento homossexual, da indissolubilidade do casamento, da pornografia) (CORTEN, 1996), como também pela falta de uma prática participativa no processo eleitoral. A questão não tem relacionamento direto entre eleitor-fiel, pois a falta de (convite a) participação nesses setores é anterior à conversão e a Igreja enquanto Instituição pode jogar muito bem com esse fator, sustentando e por vezes acentuando o desinteresse nos fiéis, enquanto os representantes institucionais barganham influência no cenário político. Além da pouca participação dos fiéis "comuns" na dimensão política institucional, os problemas de desigualdade social são tratados, na maioria das vezes, através de atividades assistencialistas tendo como pano de fundo a divulgação do Evangelho.

Por um lado, certo distanciamento dos fiéis "mais humildes" da Assembléia de Deus em relação à política partidária pode ser visto como "desligamento ou recusa do mundo", o que vem a ter um veio "rebelde", pois é também a recusa do que está estabelecido enquanto política, forma que não encontra respaldo ou credibilidade entre esses fiéis. Eles têm outra proposta de vida para as pessoas, permeada pela moralidade, mas também por uma ética social. Por outro lado, o distanciamento é quase completamente agenciado por poderes que se querem hegemônicos nos meios sociais, ou seja: o poder capitalístico e o político institucional. Novamente a idéia de abertura e de fecho.

Para muitos dos fiéis a dimensão social mais visível e importante está nas alterações práticas de seu cotidiano e na presentificação de melhora na vida das pessoas com as quais colaboram ao conduzi-las ao Evangelho. Os milagres e cenas de grandes curas são lembrados com força especial, tanto nos momentos de desânimo, nos momentos em que precisam do mesmo tipo interferência divina em suas vidas, como também quando testemunham o "poder misericordioso de Deus". No depoimento de outra entrevistada, Dona Carlota, Deus já havia sustentado sua vida após um derrame cerebral, salvado seu filho, e também lhe ajudado a recuperar a aposentadoria perdida. O mesmo Deus em sonho lhe profetizou que viria um tempo de grande carestia, o que a impulsionou a cultivar um abençoado pomar de onde advêm frutas saborosíssimas e uma horta com verduras e legumes de toda sorte. Dora Lori teve seu

filho morto redivivo, e força para sustentar um relacionamento conjugal com um marido alcoólatra. Seu Dorvalino, desenganado pelos médicos, permanece vivo. Seu Alcides e Dona Isaura, entre outras coisas, se encontram com o bem viver conjugal. Para seu Ivo um acontecimento especial marcou sua vida, pois sente sua colaboração efetiva no evento,

*Foi numa campanha evangelística, que veio uma multidão, umas 5, 6 mil pessoas. Então, na hora que foi feita a oração pelos enfermos, tinha uma senhora que estava com uma criança que tinha mais ou menos um ano aproximadamente, um pouco mais, ela tava só coberta com uma cobertinha, bem fina, tava nuazinha assim, coberta de ferida da cabeça aos pés. E na hora que fomos orar, e eu estava assim [...] junto daquela senhora com a criança no colo, como eu e você assim, eu estendi as mão sobre ela assim, para orar e o pregador que tava lá orou e todos oraram, foi questão de três minutos, cinco minutos, no máximo, a oração né. Aí, quando, sempre nós oramos com os olhos fechados pra evitar de vacilação né, então a gente fica com o pensamento firme em Deus com os olhos fechados, daí não tem movimento nenhum que atrapalhe a gente, desconcentre a gente no caso. Quando eu abri os olhos aquela criança tava limpinha como essa toallia assim, coberta de ferida. Então é uma coisa que eu nunca esqueci.*

Acontecimentos como esse trazem a dimensão social para a vida do fiel, dessa forma pensam estar ajudando verdadeiramente seus irmãos no compartilhar da fé, da descoberta e do encontro da "vida em Jesus". Nem por isso se deixam escapar de alguns agenciamentos institucionais, mas para além disso os fieis mais simples, e, no caso pesquisado, os mais antigos, reinterpretem, assimilam o que lhes diz respeito, trazem o discurso institucional para suas vidas com a autoridade de quem tem um espaço de tempo longo e

permeado de histórias a comparar e escolher. O discurso institucional se solidifica nos pontos em que mais encontram ressonâncias nos costumes já arraigados. Talvez por isso a Assembléia de Deus em muitos locais tenha dificuldade em perder seu viés mais conservador. Em meio à ansiedade pelo novo que caracteriza a sociedade "modernizante", há que se criar refúgios para se manter a salvo e garantir a própria existência, antes que seus modos de vida<sup>11</sup>, ritmados pelos rituais religiosos, entrem rapidamente em extinção.

Entre a dimensão ética da religiosidade e a moralidade, essas pessoas conjugam suas vidas impregnadas da anterioridade convertiva com a posteridade evocadora. Conversão alguma faz morrer a vida velha, mas refaz sua interpretação e confere novos impulsos num devir ainda assim inapreensível, que dá margem a novas sensibilidades que aparecem na fala de Dona Isaura,

*Quando a gente se converte muda tudo, tu olha para as folhas das árvores parece que elas estão te falando, tu olha para outras pessoas, assim, parece que tá te falando, não assim como... coisa diferente!!!*

As sensibilidades impregnadas no viver, as formas como cada crente experimenta a vida de converso, as possibilidades de compartilhar memórias e expectativas, a trajetória e o impulso, a necessidade de manter referências que são carregadas ao longo de suas vidas, a suspensão de seu tempo histórico num presente continuado como forma de se abrir para um futuro sonhado, que precisa necessariamente ser aproximado a cada

dia, pois logo estarão diante da finitude que é também a expectativa realizada.

### *3. Considerações finais*

O trabalho de pesquisa rapidamente esboçado tentou evidenciar não uma análise exaustiva dos acontecimentos que envolvem a cidade, a Igreja e seus fiéis, mas lançar luzes para iluminar algumas falas, algumas memórias que dificilmente seriam visíveis na "normalidade" da cidade sem que fossem ressaltadas suas nuances. Houve uma grande preocupação de minha parte em me afastar de estereótipos carregados de negatividade, e aí sim, através da memória dos entrevistados, tentar traçar a trajetória dos sujeitos envolvidos no ambiente, de forma a comportar suas experiências e o lugar onde foram construídas.

A inserção Assembléia de Deus em Chapecó representou tanto uma alteração na paisagem sonora da quieta cidade de 1951, como contribuiu para modificar toda a paisagem urbana. Seja com suas edificações e apropriações de espaços, seja com seus corpos/informação percorrendo ruas e calçadas do lugar, seja pelos cultos e cantorias que incomodam a vizinhança, seja pelo sentimento religioso que carregam a partir da vivência religiosa, a possibilidade de salvação, a tentativa de se tornar um salvo aqui na terra, a alegria de ter recebido o Espírito Santo. Tudo isso povoa a cidade. Todos esses ares exalados por pessoas "comuns" que experimentam a cidade, embebidos em suas transfor-



mações, no microcosmo que é a vida cotidiana, e esta emana para o ambiente ressonâncias cheias de particularidades.

Os fiéis entrevistados estão atravessados por muitas memórias e temporalidades que povoam as suas vivências e ao recordar colocam em exercício o repensar e o reconstruir de suas vidas, deixando vir à tona a humanidade a qual não é possível se desvencilhar, mesmo com pretensões de eternidade.

Dar visibilidade ao que se acredita, deixar marcas nas narrativas, em seus corpos, gestos e percursos, sustentar uma religiosidade adquirida num período onde a normalidade era outra, pode ser considerado um gesto ousado. Querer manter seus costumes como se percebe em alguns depoimentos, a exemplo da indumentária, do corpo com suas longas melenas, da face despida de toda a indústria cosmética, resistir à era do novo e da novidade, da invasão da "cultura de massa", por certo são características que ainda os possibilitam fazer uma crítica social a sua maneira. De certa forma, a vivência também se configura numa denúncia, em que os habitantes do mundo dessacralizado do capital também podem ser vistos como vivendo sob signos autoritários, onde a liberdade é a própria prisão.

Se são as condições de possibilidade que fazem "o crente", "o fiel", são também elas que os fazem se manter diante de parâmetros sociais que se alteram com muita rapidez. Uma rapidez muitas vezes imperceptível, que devora, impele para frente, numa compulsão para esquecer o passado, tradições, crenças e costumes,

como se não deversem estar no tempo presente. Enquanto isso, os "fiéis" entrevistados tentam viver lentamente suas temporalidades, envolvidos numa esperança de eternidade, que os conforta na tentativa de aproximar-se cada vez mais de uma vida que acreditam ser melhor.

Mesmo a imagem de homogeneidade "dos crentes", da Assembléia de Deus, perde sua referência diante da rememoração dos entrevistados. Em cada fala aparece suas especificidades. Cada um tem sua forma de lembrar, de reconstruir passagens importantes de suas vidas, de gesticular e entonar a voz. As memórias se entrelaçam com as experiências de seus testemunhos de vida, com um imaginário construído em torno de seus comportamentos e condutas, plasmando-se com a cidade e os outros habitantes. A cidade é múltipla. Comporta quase tudo, mas para conhecê-la é preciso aproximação. Para expor outros olhares que a vigiam e a comportam, necessário se faz conhecê-los.

Esse primeiro exercício de pesquisa, ora apresentado, ajudou experimentar que entre o espaço liso e aplainado do olhar do viandante pode se fazer perceber, a qualquer momento, outras intensidades que também se sobressaem e o afetam. O visível também comporta o invisível.

#### *4. Notas*

1. Paisagem pode ser vista aqui num sentido amplo como nos diz Milton Santos, como "tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como

o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”. A paisagem para esse autor é o horizonte vislumbrado, a dimensão daquilo que chega pelos sentidos e que faz parte de um processo seletivo de apreensão. “A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; [...] Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos” (SANTOS, 1997, p. 61e 66).

2. Depoimento de um entrevistado.

3. Segundo Renk (1997), essa população tem origens diversificadas, muitos os chamam de caboclos. A denominação de “brasileiros” é usada como forma distintiva diante dos “colonos” ítalo-brasileiros, responsáveis pelo povoamento do município a partir da década de 20.

4. O batismo com o Espírito Santo é um evento fundante para as Igrejas Pentecostais. Evocado através de Atos 2, 1-4: “Ao cumprir o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem”. BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

5. O horizonte de expectativa se liga à diversidade de atitudes e crenças humanas voltadas para o tempo futuro (KOSELLECK, 1993).

6. Na bela narrativa de Laymert “identificação singular: não se é outro para se renunciar a si mesmo, não se abandona a própria pele para se entrar na pele do outro; o homem sente sua pele transformar-se em pele de antílope, mas ela continua sendo a sua própria” (SANTOS, 1989, p. 24).

7. Segundo Mendonça (1998, p 79-80), “[...] a palavra glossolalia tem sido utilizada pelos autores sobre pentecostalismo tanto correspondendo ao falar em línguas estranhas, como para descrever momentos de louvação, enquanto o primeiro se manifes-

ta no batismo com o Espírito Santo, o segundo se caracteriza pelas orações, e entoações de palavras e pedidos de forma repetitiva". Conforme Corten (1996, p.126), "as vozes inarticuladas imitam no seu efeito de conjunto a voz articulada de um canto, como na música de Reich, em que os instrumentos imitam a voz humana".

8. Duglas Teixeira Monteiro, em pesquisa realizada durante o ano de 1975, analisa uma gravura que se denominava "O caminho largo e o estreito", utilizada nas atividades proselitistas de várias denominações protestantes e pentecostais no início do século, onde são apresentadas duas alternativas de destino para o homem: a salvação ou a morte e condenação. Esse tipo de representação pictórica é bastante utilizada nos meios cristãos e, sobretudo, para os evangélicos essa cena passa a ser norteadora de suas experiências de vida. As expressões salvação e perdição causam intranqüilidade, principalmente a partir das imagens geradas pelos textos bíblicos, só possível de ser atenuada quando se acredita estar percorrendo o caminho estreito, caminho que os *levará* certamente à salvação. O caminho encontrado e escolhido ao qual Seu Dorvalino se refere é decorrente da narrativa bíblica em Mateus 7, 13-14: *As duas entradas*: "Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela." BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

9. Thompson percebe uma alteração na doutrina de justificação pela fé no final século XVIII, entre os metodistas da Inglaterra, quando a certeza de ser salvo precisou ser revista. Segundo o autor: "talvez por ser evidente o fato de que um grande número de pessoas 'salvas' durante as campanhas renovacionistas voltava aos antigos hábitos, depois de alguns anos, ou até meses. Assim, surgiu a doutrina de que o perdão dos pecadores durava somente enquanto o penitente não tornasse a pecar. Os irmãos e irmãs que haviam sido 'salvos' encontravam-se num estado de eleição condicional e provisória. A apostasia era sem-

pre possível. A doutrina em questão apresenta complexidades adicionais. Seria presunção supor que o homem pudesse salvar-se através de um ato de sua própria vontade. A salvação era prerrogativa de Deus, e ao homem cabia preparar-se para a redenção mediante um ato de completa humilhação. Contudo, uma vez convencido da graça e admitido na irmandade metodista, a ‘apostasia’ tornava-se um problema inquietante para os trabalhadores, homens ou mulheres. Isso poderia significar a expulsão do único grupo comunitário que conheciam em meio à selva industrial, acarretando o medo permanente de um sombrio castigo eterno.” (THOMPSON, 1988, p. 242-243).

10. Segundo Senett (1998, p. 15) “hoje, a vida pública [...] se tornou questão de obrigação formal. A maioria dos cidadãos aborda suas negociações com o Estado com um espírito de aquiescência resignada [...]”.

11. Alfredo Bosi traça de forma clara essa dimensão da cultura popular, na qual podemos incluir o modo de vida desses entrevistados, onde “não há separação entre uma esfera puramente material de existência e uma esfera espiritual e simbólica. Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar.... A enumeração é acintosamente caótica passando do material ao simbólico e voltando do simbólico para o material, pois o intento é deixar bem clara a indivisibilidade, no cotidiano do homem rústico, de *corpo* e *alma*, necessidades orgânicas e necessidades morais.” (BOSI, Alfredo, 1992, p. 324).

## 5. Entrevistas

- 01 - Dona Isaura. Entrevista concedida à autora em outubro de 1998.  
02 - Seu Dorvalino. Entrevista concedida à autora em abril de 1999.  
03 - Dona Carlota. Entrevista concedida à autora em fevereiro de 1999.  
04 - Seu Ivo. Entrevista concedida à autora em outubro de 1999.  
05 - Seu Alcides. Entrevista concedida à autora em outubro de 1999.  
06 - Dona Lori. Entrevista concedida à autora em outubro de 1999.

## 6. Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Imaginário e anti-relativismo: um dilema para a antropologia brasileira. In: *Revista margem*, nº 8: tecnologia e cultura. São Paulo: Educ, 1998.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia da Letras, 1992.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*, 1: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORTEN, André. *Os pobres e o espírito santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

FENELON, Déa (org.). Cidades. In: *Revista pesquisa em história* nº 01. Publicação do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP. São Paulo: Olho d'água, 1999.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment* (Tese de doutorado apresentada no Departamento de Ciências Sociais da Unicamp). Campinas: [s.n.], 1993.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin : os cacos da história*. São Paulo : Brasiliense, 1993.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica : cartografias do desejo*. Vozes : Petrópolis, 1996.

KOSELLECK, R. *Futuro pasado : para una semántica de los tiempos históricos*. Barcelona : Ediciones Paidós, 1993.

MENDONÇA, Antonio G. "Pentecostalismos e as concepções históricas de sua classificação". In: SOUZA, Beatriz Muniz de (Org.) *Sociologia da religião no Brasil*. São Paulo : PUC/UMESP/Sociedade Religiosa/Edições Simpósio, 1998.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. "Sobre os dois caminhos". In.: *Cadernos do Iser*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1975.

PIERUCCI, Flávio & MARIANO, Ricardo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo : Hucitec, 1996.

PONTY, Maurice Merleau. *Textos escolhidos*. 2ª ed. São Paulo : Abril Cultural, 1984.

SANTOS, Laymert Garcia dos. *Tempo de ensaio*. São Paulo : Cia das Letras, 1989.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia da Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.